



Jogos Pan-Americanos de 2007: um breve estudo da cobertura do jornal O Globo sobre a violência urbana na cidade do Rio de Janeiro¹

Vania Oliveira Fortuna²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo

Este trabalho, recorte de uma pesquisa em desenvolvimento sobre aspectos específicos produzidos por megaeventos em grandes centros urbanos, investiga as representações sociais que o jornalismo impresso ajuda a construir sobre a violência urbana que se imprime na cidade do Rio de Janeiro durante um evento de grande porte. Nossa proposta é estabelecer reflexões preliminares acerca da cobertura do jornal O Globo em julho de 2007, mês da realização dos jogos Pan-Americanos, nosso estudo de caso, ancoradas por uma análise da interação entre mídia e violência conjugada à luz das teorias da comunicação.

Palavras-chave: megaevento; cidade; mídia; violência urbana; narrativas.

Introdução

Penso nas raças convivendo nos outdoors da Benetton; nas melodias flamencas, italianas, inglesas e de sociedades não-europeias que “superam” suas diferenças locais nas turnês dos três tenores; nas exposições universais, nos espetáculos olímpicos e nas festas esportivas que “irmanam os povos” e oferecem ao mundo versões simplificadas do diverso e do múltiplo (CANCLINI, 2003, p.184).

A inspiração para a escolha do tema abordado veio do nosso grande interesse por megaeventos e seu poder de produzir alterações no cenário da população e da cidade onde são realizados.

Os eventos fazem parte da história das civilizações, estabelecendo formas de comunicação e sociabilidade que transformaram cenários políticos, econômicos e sociais. Nesse sentido, este artigo é um recorte de uma pesquisa em desenvolvimento

¹ Trabalho apresentado no GT- Mediações e Interfaces Comunicacionais do inovcom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Vania Oliveira Fortuna é jornalista, mestranda em Comunicação Social pela UERJ, pós-graduada em Comunicação Empresarial pela Universidade Cândido Mendes e graduada em jornalismo pela Universidade Estácio de Sá – vaniafortuna@gmail.com



que estuda a cobertura do jornal O Globo sobre a violência urbana que se imprime na cidade do Rio de Janeiro quando da realização de um megaevento.

O município é, tradicionalmente, palco de inúmeros eventos de diferentes naturezas que envolvem a movimentação de milhões de reais em recursos, infraestrutura e pessoal. Sejam espetáculos musicais, eventos marcados com anos de antecedência (como a Rio 92) ou atividades sazonais que já fazem parte do calendário oficial da cidade (como a festa de Ano Novo em Copacabana), o Rio de Janeiro tem manifestadamente uma vocação para abrigar eventos de grande porte.

A cidade, a população, o trânsito, a arquitetura, a saúde, a segurança pública – todos os aspectos da vida urbana podem se modificar e se movimentar em função de um megaevento. Empregos temporários são gerados, novos focos turísticos são explorados, novas estratégias de organização dos serviços públicos são oferecidas. Toda essa transformação tem, muitas vezes, uma vida curta, mas em alguns casos as mudanças são incorporadas à estrutura cotidiana do município e da população, como verificamos nos jogos Pan-Americanos de 2007, nosso estudo de caso.

Jornalistas, especialistas em violência e políticos tratam com pessimismo este tema, imprimindo análises de um estado de guerra civil e guerrilha urbana que se disseminam como uma epidemia. Jornais tradicionais, como o Globo, que privilegiavam editoriais de economia, política e cultura, passaram a dispensar espaços significativos às narrativas sobre violência urbana.

Sabemos que faz parte da produção de um megaevento desenvolver estratégias e intervenções especiais para a segurança pública, bem como em outras áreas. O difícil é explicar a população que em períodos de grandes eventos um tratamento de choque é aplicado, se não de forma convincente, mas efetivamente com resultados contundentes de redução dos índices de criminalidade. Esta questão também é suscitada por visitantes estrangeiros.

Em Seminário de Comunicação Internacional realizado na UERJ, em dezembro de 2007, perguntamos ao palestrante Mário Andrada, diretor da Agência Reuters, se o Rio de Janeiro era considerado internacionalmente uma cidade com vocação para produzir megaeventos e se a violência urbana era um fator impeditivo para a participação desses visitantes. Mário nos respondeu que essa vocação do Rio é reconhecida, que a violência não impede a vinda de participantes estrangeiros porque eles sabem que esquemas especiais de segurança são implementados, mas não entendem porque isso acontece somente quando grandes eventos são realizados.



Neste artigo, nossa proposta é trabalhar essa questão utilizando a mídia impressa como recurso analítico. Para tanto, trabalhamos com matérias jornalísticas do jornal O Globo do mês de julho de 2007. Contudo, para dar conta das reflexões preliminares sobre o quadro de violência urbana que a cidade do Rio de Janeiro vivenciou durante os jogos Pan-Americanos, se faz necessário recorrer às teorias da comunicação, pois elas nos ajudam na compreensão da dialética que se estabelece entre mídia e violência.

Mídia e violência: o poder que interfere e transforma o cotidiano urbano

Esta “cultura nova” representa um sistema de conteúdos e formas pelo qual estruturamos nossa visão de mundo, a partir do qual se estabelece a nossa competência perceptiva e expressiva e mediante o qual se elaboram os princípios da sociabilidade vigente (...) a veiculação desta “nova cultura” aos meios e recursos da comunicação que podemos postular que façam parte de uma “cultura” midiática (GOMES, 2004, p.306).

Desde o tempo das sociedades de soberania, o poder se impõe e se alastra pelas formas múltiplas de violência. A história das organizações sociais e dos fluxos de poder nos permite refletir sobre a visibilidade que a violência encontra no espaço midiático, considerado por alguns autores como “o novo *locus* social contemporâneo” (CONTRERA, 2005, p.115) que interfere sobremaneira na construção do imaginário urbano.

O tema violência se faz presente em todas as conversas, seja em casa, no trabalho e até mesmo nas horas de lazer, como entre amigos nos “bares da vida”. Com a mídia não é diferente e o assunto em questão permeia os conteúdos midiáticos do jornalismo impresso, telejornalismo, internet e até programas de entretenimento, inclusive influenciando os seus formatos de apresentação.

A busca pelo poder, tão narrada nos livros de história com suas guerras que visavam conquistar terras e povos, transformou-se em guerrilhas urbanas que ameaçam a vida de todos em todas as horas do dia ou da noite, “alimentando” a máquina poderosa do narcotráfico. Nesse contexto, Philippe Joron afirma que

nestes casos, as palavras lapidárias dão o tom, emanadas por responsáveis políticos ou provedores da ordem e transmitidas em seguida pela mídia, que deve encontrar um compromisso entre os títulos de choque e as análises, entre sensacionalismo e o debate de fundo, diluídas, enfim, nas nebulosas psiquês da opinião pública (2006, p.128).

Os fatos de violência que se inscrevem no cotidiano urbano e que atingem e transformam os hábitos da população e o *status quo* da cidade, oferecem-se a mídia



como uma fonte generosa de produção jornalística, pois a violência é extremamente comunicativa. As narrativas urbanas estimulam nossa percepção real e fantasiosa, que através das representações sociais ajudam a construir o imaginário da metrópole contemporânea. Para Moscovici,

as representações não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (2003, p.41).

No vale-tudo pela audiência, a mídia nos faz consumir textos e imagens sobre violência nitidamente espetacularizados, acontecimentos que vestem-se de uma linguagem teatral que produz “efeitos no ânimo dos espectadores: raiva, indignação, surpresa, comoção, angústia, riso”. Nesse cenário de espetáculo, “a pessoa pode ser suporte de um ou vários personagens, desempenhando um ou vários papéis, participando de uma ou mais representações. O que parece não ser possível é não representar papel algum” (GOMES, 2004, p 318.). Sob o mesmo viés, Goffman afirma que “o mundo todo não constitui evidentemente um palco, mas não é fácil especificar os aspectos essenciais em que não o é” (1985, p.71). Para Alessandra Aldé,

o valor da notícia segue a necessidade de “captação da atenção” com critérios de noticiabilidade e espetáculo. A notícia, industrialmente produzida para estar sempre “fresquinha” (e portanto vender mais como no anúncio de biscoitos), depende de elementos de apelo popular como a novidade, o negativismo, o escândalo, a presença de atores proeminentes, a personalização, o conflito, a exceção (2004, p.26).

As informações impregnadas de dramatização do real devem passar por um filtro crítico no sentido de evitar o pânico generalizado que nos faz reféns, dentro das nossas próprias casas, de opressores invisíveis, evitando o que menos deve ser evitado: a sociabilidade que pulsa no convívio em comunidade, situação que favorece apenas “comunidades de ocasião (...) construídas em torno de eventos, ídolos, pânico ou modas” (BAUMAN, 2004, p.51). A produção desse sentimento de não-pertença é gerada, entre outras coisas, pelo caos social que inibe o desejo de vínculos com grupos, esvaziando o espaço urbano.

Há muito, remédios (ou seriam placebos?) são lançados ao mercado para tentar curar (ou conviver menos dolorosamente) esse “espírito de violência” (JORON, 2006, p.129) que a indústria do medo impõe a todos nós, (re)configurando a forma de viver nos grandes centros urbanos. Nesse quadro, a mídia demonstra claramente o seu poder ao denunciar fatos, controlar erros e acertos dos órgãos responsáveis pela segurança



pública, além de sugerir novas formas de sociabilidade. Alternativas são propostas, através da publicidade e propaganda de produtos, que estimulam a fuga dos cidadãos para o espaço privado em detrimento do espaço público. Constatamos o sucesso desse mercado pelo crescente número de shopping centers, centros empresariais, condomínios fechados, empresas de vigilância e companhias de seguros. (FREITAS, 2006)

As elites estão cada vez mais isoladas da população e voluntariamente pagam com prazer pelo direito à individualidade e ao isolamento. “Seu peculiar modo de exercer a cidadania consiste em isolar-se da conflituosidade urbana mediante a privatização de espaços supervisionados e a restrição da sociabilidade ou dos encontros indesejáveis” (CANCLINI, 2003, p.163). Para o autor, os espaços públicos, locais de convivência estão sendo substituídos pelos circuitos midiáticos na transmissão de informações e imaginários sobre a vida urbana. As redes de comunicação (imprensa, rádio, TV, vídeo, informática), bem como os shoppings centers, substituiriam os antigos espaços de encontro, locais legitimadores de reconhecimento.

Sob o mesmo viés, os estudos de Teresa Caldeira mostram como os imaginários das megalópoles vêm sendo modificados pelo aumento da violência urbana e pelo discurso midiático, uma vez que

nas últimas décadas, em cidades tão diversas como São Paulo, Los Angeles, Johannesburgo, Buenos Aires, Budapeste, Cidade de México e Miami, diferentes grupos sociais, especialmente das classes mais altas, têm usado o medo da violência e do crime para justificar tanto novas tecnologias de exclusão social quanto sua retirada dos bairros tradicionais dessas cidades. Em geral, grupos que se sentem ameaçados com a ordem social que toma corpo nessas cidades constroem enclaves fortificados para sua residência, trabalho, lazer e consumo. Os discursos sobre o medo que simultaneamente legitimam essa retirada e ajudam a reproduzir o medo encontram diferentes referências (CALDEIRA, 2000, p.09).

A violência está por toda parte e a mídia é uma importante articuladora desse processo. Diariamente acordamos com notícias que refletem o crescimento da insegurança e decomposição do tecido social. O pânico desenvolvido no imaginário das metrópoles promove constantemente mudanças de hábitos e transforma espaços urbanos, na tentativa de driblar o mal que pode invadir as nossas vidas a qualquer momento. A sociedade anseia por soluções que nunca chegam e cobram providências, mas a argumentação das autoridades é variada: falta de vontade política, verba pública, equacionamento de problemas sociais como falta de educação, saúde, moradia, desemprego. Diante dessa situação perturbadora, fica a pergunta que não quer calar: por que esse cenário se modifica quando é realizado um megaevento na cidade? Por que o



compromisso dos governantes com a segurança máxima não é uma constante no cotidiano urbano? É sobre estas questões que desejamos refletir ao estudar as narrativas do jornal O Globo sobre a violência urbana que se imprimiu na cidade do Rio de Janeiro durante os jogos Pan-Americanos de 2007.

O Pan no Rio: tranquilidade anunciada com data para acabar.

A mídia transformou as condições da vida social e política. Uma das consequências foi a transformação da visibilidade. Há algum tempo, um acontecimento público era o que acontecia em locais abertos, acessíveis a todos, e para ser visto era necessária a presença física. Privado era o que permanecia restrito a poucos, atrás de portas fechadas. Com a mídia, público e privado adquiriram um novo sentido. Público é o que pode ser alcançado pelo olho da grande mídia, ao transmitir um evento a milhões de pessoas, distantes no espaço e afastadas no tempo. Público agora é o visível (THOMPSON, 2000, p.11).

O Rio de Janeiro, que se consolidou no imaginário coletivo como símbolo de um Brasil alegre, cordial e acolhedor de todas as diversidades, é uma das principais cidades do mundo a sediar eventos de grande porte. Nesse sentido, há que se preocupar com o espaço urbano da cidade maravilhosa, que tem sido palco de intervenções por parte de autoridades governamentais na tentativa de controlar a violência urbana. Entretanto, apesar do quadro caótico que se apresenta diariamente na mídia,

o Rio de Janeiro lidera amplamente a lista das principais cidades brasileiras visitadas pelos turistas estrangeiros (...) Trata-se de uma metrópole que mistura ecoturismo, turismo urbano, consumo e boa infra-estrutura para pequenas, médias e grandes platéias (...) apresenta uma variedade cultural que, conjugada à sua beleza natural, faz com que paire em seus bairros uma alegria que encanta os visitantes, superando o argumento de cidade violenta tão cultivado pela mídia (FREITAS, 2006).

Em 2007, o calendário de eventos do Rio foi marcado pela realização dos jogos Pan-Americanos, entre 13 e 29 de julho. Considerado o maior evento realizado no Brasil desde 1963, quando houve o Pan em São Paulo, esta edição teve uma gestão complexa. Apesar dos altos investimentos, surgiram dificuldades financeiras que ultrapassaram as verbas de patrocínio, sendo necessárias várias injeções de investimento pelos governos federal, estadual e municipal.

A produção de um megaevento exige que setores governamentais que tratam do transporte, saúde, segurança pública, entre outros, para melhor organizar o espaço urbano implementem estratégias e intervenções especiais que garantam à população e aos visitantes maior segurança. No Pan-Americano, tais ações foram amplamente divulgadas pela mídia.



Na busca de credibilidade para a cidade, o jornal O Globo publica em 2 de julho que “Mais de 2 mil agentes da Polícia Federal estão no Rio”, informando a chegada de “2.500 policiais federais vindos de outros estados para reforçar a segurança no Rio durante os jogos Pan-Americanos”; no dia 3, “Patrulheiros já nas vias expressas” informava que em menos de 24 horas de operação “cerca de 2 mil policiais apreenderam 30 quilos de cocaína, cinco armas, R\$ 82 mil e fizeram seis prisões”; no dia 4, “Os nossos Top Guns: pilotos do policiamento aéreo já mapearam toda a cidade”, nos dando a certeza de que o céu do Rio seria monitorado por um esquadrão aéreo durante o período do evento; em 5 de julho, a matéria é sobre o “Treino contra o terror: PF simula ataque com reféns na unidade da Transpetro na Baía”. Os locais foram escolhidos por ser o gasômetro “um local de potencial alvo terrorista” e o Porto do Rio “um local de difícil operação e por estar situado em área urbana. Diariamente circulam por ali 2 mil pessoas”.

Tais discursos legitimam a atuação dos órgãos responsáveis pela segurança pública contra a criminalidade, estimulando a sensação de que a cidade efetivamente seria menos violenta, pois a segurança vinha do céu, da terra e do mar.

No dia 6, a realidade pulsa mais forte do que as estratégias das forças de segurança para o Pan e o jornal retoma as notícias sobre o Complexo do Alemão, que há “65 dias, 44 pessoas foram mortas e 77 ficaram feridas” no embate entre a polícia e o narcotráfico. Este tipo de conflito tornou-se rotina e a cidade sofre e se comove diariamente com a morte de bandidos, policiais e pessoas inocentes. O então Comandante-geral da Polícia Militar, coronel Ubiratan Ângelo “elogiou ainda o apoio da Força Nacional” e garantiu ainda que a população pode ficar tranquila durante o Pan”.

O dia 8 trouxe a chamada “O Rio que o carioca sempre quis viver: Pan cria expectativa de ruas mais seguras e alegres, pelo menos enquanto jogos durarem”. O texto segue narrando ações que seriam implementadas, mas publica depoimentos que demonstram que as autoridades e a população já questionam o fato da cidade ideal ter data para começar e acabar, como o de Wadih Damous, presidente da OAB-RJ, “O Pan está garantido. Mas e depois? Será que vamos voltar à rotina de balas perdidas?”.

Em 10 de julho, a tão idealizada segurança do Pan é ameaçada pela “Greve à beira do Pan: categorias ameaçam parar durante os jogos; policiais civis iniciaram movimento de 48 horas”. Aproveitando a emergência do evento, várias categorias profissionais ameaçam não trabalhar no Pan se suas reivindicações salariais não forem



atendidas. O governo do estado aceita fazer um acordo com as classes envolvidas e os policiais civis voltam ao trabalho no dia 11.

No dia 11, O Globo publica uma reportagem que aborda a relação dos atletas estrangeiros com o esquema de segurança na cidade, “Delegações acham paranóica preocupação com segurança”. A matéria é sobre atletas que divergem em suas avaliações, pois enquanto alguns acham que “o esquema de segurança é absolutamente normal, é o que se vê sempre em eventos deste tipo”, a maioria acha que “violência e insegurança existem em toda parte, em qualquer grande cidade. Mas aqui vejo algo paranóico”. Ainda no dia 11, uma reportagem questiona e sugere que a segurança para o Pan está concentrada em grandes ações de criminalidade, preocupando-se pouco com pequenos furtos, “Entorno do estádio tomado por meninos de rua”. A reportagem narra que grupos de jovens drogados cometem delitos e adverte que “se a segurança no Maracanã foi reforçada, do lado de fora não há controle. O público que for assistir às competições no estádio terá que ficar atento para não ter objetos roubados”. Neste texto, percebe-se um descompasso com a linha seguida pela cobertura majoritária.

No dia 12, o jornal volta a abordar o conflito no Complexo do Alemão, “Lula apóia operação no Alemão”. O presidente defende a ação da polícia na favela, que resultou na morte de 44 pessoas. “Ele lembrou que o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) prevê investimentos de R\$ 500 milhões para urbanização e saneamento para as favelas do Rio”. Na mesma página, mais uma tragédia decorrente da guerra da polícia com o tráfico de drogas é anunciada: “Bala perdida mata jogador”. É a notícia da morte do jogador juvenil do São Cristovão, Leandro Silva Davi, de 16 anos, atingido dentro de casa quando fazia o café da manhã, na favela do Jacarezinho. Neste mesmo dia, verificamos que o esquema de segurança para o evento continuava a ser questionado na chamada “Ônibus do remo é apedrejado” e “segurança do Pan não impede incidente ocorrido na linha amarela”, pois a seleção brasileira de remo teve o ônibus atingido por pedras pesadas durante a ida para o treino na Lagoa Rodrigo de Freitas. Ainda no dia 12, é publicado que “Jogos não terão tanques em favela”, onde o Secretário Nacional de Segurança Pública, Luiz Fernando Corrêa, enfatiza que “a ausência das Forças Armadas no esquema de segurança dos jogos Pan-Americanos será o marco de uma nova política do setor”. A decisão foi tomada em função dos recursos aplicados no esquema para a segurança pública no final da competição.

É chegado o tão esperado dia 13 de julho, dia da abertura do Pan. A chamada da capa do caderno de esportes Rio 2007 é “Rio de Janeiro, gosto de você”, estimulando o



imaginário urbano para um período em que a cidade realmente seria maravilhosa e que por 17 dias esqueceríamos os 44 mortos no Complexo do Alemão. No mesmo dia, a realidade de cidade vigiada vem à tona com a notícia de que “Central receberá as imagens de 800 câmeras” que custaram R\$ 161 milhões. O sistema vai “operar durante os jogos Pan-Americanos. Depois, os equipamentos ficarão para a Secretaria de Segurança”.

Um dia após o evento, 14 de julho, a chamada da capa do caderno de esportes Rio 2007 resume a tranquilidade que permeou o evento: “Nota 10”.

No dia 16, uma reportagem foca um dos bairros mais atingidos pela violência urbana no Rio, “Reforço de policiamento leva tranquilidade à Tijuca” e “Moradores do bairro elogiam esquema montado para o Pan-Americano e reivindicam sua continuidade”. O texto narra a satisfação dos moradores do bairro, cercado por várias favelas, que setem-se seguros e que não entendem porque o esquema não continua após o evento. Um policial militar fala que “se houvesse vontade política, haveria muito mais polícia na rua e isso ajudaria a reduzir os crimes”.

Como era esperado, o evento seguiu com tranquilidade e a violência urbana foi extramente reduzida.

No dia do encerramento dos jogos, 29 de julho, o discurso reafirma o sucesso do evento com “O Rio do jeito que o carioca gosta” e “Efeito Pan: cidade virou vitrine internacional e se gabaritou para outros eventos”. A matéria narra as transformações ocorridas na cidade e diz que “tudo isso sem os temidos engarrafamentos e episódios de violência”. O Globo alerta que o carioca não perdeu o lado crítico e “preocupa-se com a cidade depois do Pan, além de reclamar as promessas não cumpridas”. No mesmo dia, o jornal faz um balanço sobre a atuação da segurança pública “apontada, em pesquisa da Fecomércio, como o ponto mais alto do Pan”, que “nas últimas duas semanas teve quedas de até 60% nos índices criminais da cidade”. O legado que ficará na cidade é “da ordem de 400 milhões em equipamentos” e este ano o governo espera contratar mais dois mil policiais”. Depoimentos cobram soluções pós Pan, “ficou bastante claro para todos que a falta de efetivo é um dos nossos maiores problemas”; “agora, o medo é outro. Fica a impressão de que vai começar o inferno de novo”.

Na edição do dia 31, as narrativas sobre a realidade violenta do Rio voltam com intensidade, pois a polícia estava “De volta às favelas” no dia seguinte ao término do evento, com um saldo de mais mortes, prisões e apreensões de armas e drogas. Na mesma edição, o conflito nas favelas contrasta com os depoimentos do presidente Lula



que, com tranquilidade, avisa que “Rio terá 75% do aparato de segurança do Pan”, do governador Sérgio Cabral, que chama o aparato de “O legado da concórdia”, anunciando de forma otimista que a polícia do Rio terá “maior capacidade” para operar, e do prefeito César Maia, que além de elogiar o legado reconheceu que a “PM mostrou que o problema é de efetivo, não de planejamento”.

Com esses exemplos, percebemos as inúmeras representações do jornal O Globo acerca da violência urbana durante os jogos Pan-Americanos. A cobertura jornalística se ocupou diariamente das ações do esquema especial de segurança pública montado para o evento, reafirmando a idéia de cidade segura e exaltando a tranquilidade e a alegria dos cariocas com manchetes vibrantes.

O imaginário de uma “cidade dos sonhos” foi ativado e o povo lotou as competições e passou os dias e as noites nas ruas interagindo, desfrutando de uma sociabilidade desenvolvida especialmente em momentos festivos cujo “caráter é determinado por qualidades pessoais tais como amabilidade, refinamento, cordialidade e muitas outras fontes de atração” (ZIMMEL, 1983, p.170). Podemos afirmar que seu alvo é a confraternização - é o sucesso do momento sociável.

Sob o mesmo viés, Maffesoli chama esse momento sociável de lógica da fusão. O autor afirma que se de um lado está o social, que tem estratégia e finalidade próprias, do outro está a fusão da comunidade, “a massa em que se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos” (2006, p.127).

Durante o período do evento houve questionamentos sobre a cidade pós-Pan, mas as narrativas sobre os bons resultados da força de segurança superaram a preocupação com uma realidade que chegaria num futuro próximo, em apenas dezessete dias.

Considerações finais

Estudar os megaeventos contemporâneos realizados em grandes centros urbanos é um desafio que nos seduz, pois entendemos a complexidade do tema, mas acreditamos na relevância das pesquisas sobre este tipo de intervenção que altera o cotidiano da população e da cidade onde são realizados. Desde a sua concepção, a produção de um evento de grande porte cria e alimenta uma rede de comunicação urbana que entrelaça a cidade, a população, o trânsito, a arquitetura, a saúde, a segurança pública, a economia. Estas alterações podem ter uma vida curta, mas em alguns casos incorporam-se ao cotidiano urbano.



Neste artigo, optamos por trabalhar com um dos segmentos que mais se movimenta quando da produção de um megaevento: a violência urbana. Essa transformação que permite que uma cidade como o Rio de Janeiro, que vive dias de extrema violência, torne-se muito mais segura, atingindo o índice de 60% de redução da criminalidade, é questionada pela população e por visitantes que não entendem por que esse quadro de tranqüilidade urbana só se estabelece durante a realização de grandes eventos.

Nossa proposta para o estudo desse segmento é a análise das representações construídas pela mídia impressa carioca sobre a violência urbana na cidade do Rio de Janeiro durante a realização dos Jogos Pan-Americanos. Para isso, trabalhamos com o jornal O Globo, que tem grande importância quanto à formação da opinião pública, do mês de julho de 2007.

Para dar conta das reflexões preliminares sobre a cobertura do jornal O Globo, recorreremos às teorias da comunicação, que conjugadas a fatos cotidianos, nos ajudam a entender a influência da violência urbana, narrada pela mídia, na construção do imaginário da metrópole contemporânea.

A violência é tema constante em todas as conversas, seja no trabalho, em casa ou nas horas de lazer. Da mesma forma, a mídia que outrora se dedicava mais a política e a economia, passou a destinar espaços importantes à violência urbana, pois o crescimento do narcotráfico promove verdadeiras guerrilhas urbanas que visam angariar fundos para sua “especialização”.

Esses fatos acabaram por transformar os hábitos da população e o *status quo* da cidade que, respaldados pela mídia, criaram novas formas de comunicação e sociabilidade, estimulando a convivência em espaços privados em detrimento dos espaços públicos. Revela-se, pois, o sucesso dos shopping centers, centros empresariais, condomínios fechados, empresas de vigilância e companhias de seguros.

O Rio de Janeiro abrigou os jogos Pan-Americanos, em julho de 2007. A produção deste megaevento movimentou milhões de reais e exigiu que novas estratégias fossem concebidas para o transporte, a saúde, a segurança pública, entre outros. Os esquemas especiais de segurança pública e os efeitos por eles produzidos na cidade foram amplamente divulgados e discutidos pela mídia.

Nas matérias produzidas pelo jornal O Globo no mês do Pan, constatamos que os discursos buscam a credibilidade da cidade. Ao informar diariamente as estratégias para a proteção em terra, céu e mar, as matérias legitimam a atuação dos órgãos



responsáveis pela segurança pública e criam a expectativa de ruas mais seguras e alegres durante o evento.

Das matérias analisadas, encontramos somente em duas o questionamento das ações de segurança: primeiro quando é sugerido que a segurança concentra-se em grandes ações de criminalidade, esquecendo os pequenos furtos, e quando o ônibus da seleção brasileira de remo é apedrejado a caminho do treino. Nestes dois textos, percebe-se um descompasso com a linha seguida pela cobertura majoritária.

Através de depoimentos da população e das autoridades, algumas matérias demonstram a preocupação com a cidade pós-Pan, cobrando soluções e a permanência dos esquemas especiais de segurança.

As forças policiais voltam às favelas no dia seguinte ao encerramento do evento. Tais fatos contrastam com os depoimentos dos representantes dos governos federal, estadual e municipal, que felizes estão com o sucesso do evento e com os legados por ele deixados, especialmente para a segurança pública.

Infelizmente, o cotidiano violento da cidade do Rio de Janeiro não foi alterado e continuamos acordando diariamente com notícias de mortes em assaltos e conflitos entre policiais e traficantes.

O imaginário urbano carioca trabalha com o desejo de que todo dia fosse dia de um megaevento.

Referências bibliográficas

ALDÉ, Alessandra. **A construção da política**: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

_____. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CONTRERA, Malena S. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo, Annablume: Fapesp, 2002.

_____. **Ontem, hoje e amanhã**: sobre os rituais midiáticos..In: Famecos: mídia, cultura e tecnologia, nº 28. Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica, dezembro, 2005



GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

GOMES, Wilson. **A transformação da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

FREITAS, Ricardo e NACIF, Rafael (org.). **Destinos da cidade**: comunicação, arte e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

FREITAS, Ricardo Ferreira; LESSA, Roberta. **Arrastão em Paris**: um estudo da cobertura do Jornal O Globo sobre as manifestações dos estudantes franceses em março de 2006. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006, Brasília. Anais. São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM.

JORON, Philippe. **A comunicação sacrificial**. In: Famecos: mídia, cultura e tecnologia, nº 29. Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica, abril, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Editora Vozes, 2003

THOMPSON, John B. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_____. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

SIMMEL, Georg; Moraes Filho, Evaristo de.(org). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.